

voluntária. Por meio das conversas com ela e da observação de sua intervenção com os estudantes indígenas, os educadores puderam compreender melhor as questões culturais e as regras de conduta que os regiam.

Outro relato de diretora ilustra um lado diferente da questão da diversidade, dessa vez envolvendo os familiares. Ela nos contou que não havia muita adesão de evangélicos nas atividades com pais. Então, discuti o assunto com uma mãe desse grupo, que se propôs a ajudar. Com seu chamamento, outras mães passaram a participar das reuniões e atividades voluntárias da escola. Nesse caso, constatou-se que não havia nenhuma questão equivocada em torno das atividades em si, mas a necessidade de o convite ser feito por um par ou por outro porta-voz que não os educadores.

Conceituação

Esses são apenas alguns de inúmeros casos em que o envolvimento da família foi a chave para garantir o respeito à diversidade na instituição escolar. Note-se, porém, que ainda há nas escolas situações de intolerância relacionadas a raça, gênero, biotipo, condições socioeconômicas e até opção política. Todas elas exigem posicionamento institucional do gestor, de modo a garantir o respeito às diferenças.

No capítulo 9, **Transformação a partir das altas expectativas** (p. 96), tratamos de uma situação de *bullying* que se resolveu com o envolvimento dos próprios estudantes. Esse problema acontece quando o diverso não é aceito e a prevenção e o enfrentamento precisam abranger as famílias. Momentos de abordagem do tema devem ser incluídos no planejamento do gestor. A escola pode contribuir muito para o desenvolvimento de seus estudantes se considerar que também as famílias são seu público e necessitam de formação por meio de intervenções planejadas.

DADOS PARA REFLETIR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE NA ESCOLA

- ▶ No Brasil, aproximadamente um em cada dez estudantes é vítima frequente de *bullying* nas escolas.¹
- ▶ Segundo o Indicador de Analfabetismo Funcional (Inaf) 2018, entre os brasileiros de 15 a 64 anos que se declararam brancos, apenas 4% eram analfabetos, e, entre os que se disseram pardos ou pretos, 7% e 11%, respectivamente. Eram funcionalmente alfabetizados 77% dos brancos, 70% dos pardos e 65% dos pretos. Entre os analfabetos funcionais, dois terços (67%) eram pretos ou pardos.²
- ▶ O movimento Todos Pela Educação identificou em 2015, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad/IBGE), que 30% da população negra (pretos ou pardos) não completava o Ensino Fundamental antes dos 16 anos e apenas 56,8% dos pretos e 57,8% dos pardos entre 15 e 17 anos continuava no Ensino Médio. Analisando os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2015, verificou-se também que, entre os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, tinham aprendido adequadamente português 44,8% dos brancos, 30,8% dos pardos e 24,5% dos pretos. Em matemática, a situação se agrava: 27,4% dos brancos tinham domínio adequado da disciplina, em comparação a 15% dos pardos e 10,7% dos pretos.³
- ▶ Um relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) mostra que meninas e meninos ainda apresentam diferenças nas provas de distintas disciplinas. Elas se saem melhor em leitura, e eles, em matemática. Pesquisas apontam que as diferenças não se dão por algo natural, mas porque os meninos são mais encorajados a trabalhar com conhecimentos relacionados às ciências exatas.⁴
- ▶ Embora, em uma década, o número de estudantes com alguma deficiência cursando o Ensino Médio tenha triplicado, eles representam somente 0,8% do total de matrículas nesse nível de ensino, segundo o Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC) de 2015, ou, em números absolutos, apenas 62 mil, em um universo de cerca de 8 milhões de alunos. O crescimento do número de estudantes com deficiência ocorre em todas as etapas da Educação Básica, mas o movimento de inclusão perde força até chegar ao Ensino Médio. No Ensino Fundamental 1, os alunos com deficiência correspondem a 2,9% do total de matrículas, proporção que diminui para 1,8% na segunda etapa desse nível e para 0,8% no Ensino Médio. Os dados indicam que, apesar dos avanços verificados pelo Censo Escolar ao longo dos anos, muitos estudantes ficam pelo caminho e abandonam a escola.⁵

1. TOKARNIA, Mariana. Um em cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying. *Agência Brasil*, 19 abr. 2017.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

2. AÇÃO Educativa; INSTITUTO Paulo Montenegro. *Inaf Brasil 2018: resultados preliminares*.

Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relatório-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2019.

3. O COMBATE ao racismo passa pela escola. *Todos Pela Educação*, 7 maio 2018.

Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/O-combate-ao-racismo-passa-pela-escola>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

4. UNESCO. *EFA global monitoring report 2015*. Paris, 2015. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234809>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

5. INSTITUTO Unibanco. Inclusão aumenta, mas acesso ao Ensino Médio ainda é desafio. *Aprendizagem em Foco*, n. 15, ago. 2016.

Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/15>>. Acesso em: 26 mar. 2019.